
HIV, estigma, *fake news* e os desafios do jornalismo científico: uma análise de enquadramento de notícias falsas sobre o vírus causador da AIDS¹

Lucas de Almeida SANTOS²
Lucas Comine Frades da SILVA³
Luiz Ademir de OLIVEIRA⁴

Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG

RESUMO

Com o advento tecnológico e a conseqüente maior difusão de informações na internet, o fenômeno das *fake news* encontrou na web um meio ideal para sua disseminação. As notícias falsas tratam de diversos assuntos, como o jornalismo político, o entretenimento e o jornalismo científico - objeto de nosso estudo neste artigo. Dentro do jornalismo científico, a cobertura midiática do vírus do HIV e da AIDS é tema de discussão e debate, sempre em torno do estigma social que o portador carrega. O objetivo do artigo é, então, analisar por meio da análise de enquadramento, como se dão as notícias falsas, pseudo-científicas, sobre assuntos ligados ao HIV em alguns estudos de caso.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Científico; *Fake news*; Enquadramento; HIV; AIDS

INTRODUÇÃO

Em função do estigma que envolve pessoas soropositivas, ou seja, quem vive com vírus causador da AIDS, o HIV, existe uma lacuna referente ao conhecimento público de como a doença e o seu patógeno funcionam. Ao formular o conceito de estigma, Goffman (1982) trabalha justamente com a noção de manipulação da identidade deteriorada, ou seja, como nas interações sociais, alguns grupos são depreciados pelos que se consideram “normais”, revelando conflitos e a forma desigual estabelecida entre os que estão no poder e os que sofrem o estigma.

Segundo Almeida (2017), em sua dissertação “A representação social das pessoas vivendo com HIV/AIDS na mídia impressa”, a AIDS possui características de uma

¹ Trabalho apresentado na IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduando em Comunicação Social – Jornalismo e participante do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIIC) da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: lucasp42009@gmail.com

³ Graduando em Comunicação Social – Jornalismo e participante do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIIC) da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: lucas.comine@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho, Doutor em Ciência Política pelo IUPERJ, docente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, e-mail: luizoli@ufsj.edu.br

construção discursiva, extrapolando o campo da medicina. Este fenômeno se dá devido à cobertura da imprensa sobre o tópico datar os primeiros casos, quando ainda não se sabia de qual doença se tratava.

[...] a Aids não representa apenas um fenômeno social, mas uma construção discursiva. A Aids pode ser um objeto do estudo para a análise da atuação jornalística já que é possível demarcar exatamente o início do percurso narrativo da Aids na imprensa, pois a doença tem sido noticiada antes mesmo que a ciência descobrisse do que se tratava. (ALMEIDA, 2017, p. 70.)

Hoje, existe uma inserção de notas e reportagens que dialogam sobre o tema por meio de grandes portais de notícia. Não escapando do fenômeno das *fake news* o assunto também é abordado em portais secundários, com informações inverídicas.

Fake news não é um conceito novo dentro do campo jornalístico/comunicacional. Apesar disso, com o advento tecnológico informacional da internet e, em especial, das redes sociais, esse tipo de factóide vem se disseminando e aumentando em proporção, competindo por espaço com os veículos profissionais de comunicação e divulgação de notícias.

O termo “pós-verdade” diz respeito do esvaziamento da “verdade” de um fato noticiado, sendo o ponto central da divulgação das *fake news*. O termo foi selecionado como “palavra do ano de 2016” pela Oxford Dictionaries, o departamento de elaboração de dicionários da universidade americana de Oxford, que o define como “circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que o apelo à emoção e a crença pessoal”⁵.

A proposta do artigo é, então, traçar uma análise sobre notícias falsas envolvendo o assunto HIV e AIDS. O estudo busca, desta forma, identificar se e como a propagação de *fake news* auxilia na disseminação do estigma em torno do soropositivo. Para nossa análise, foram coletadas matérias que apresentavam o verbete “HIV” ou “AIDS” no site Boatos.org. O portal, criado em 2013, tem postagens diárias desmentindo boatos e *fake news* disseminados na internet, se auto intitulado “uma equipe de jornalistas ávidos em descobrir a verdade”⁶. Em texto na aba “Sobre” do site, a respeito das *fake news*, o editor do Boatos.org, Edgard Matsuki, afirma que o portal “foi criado justamente para compilar algumas destas mentiras que são contadas online. A intenção com o boatos.org é justamente prestar um serviço para o usuário da internet”.

⁵ <https://en.oxforddictionaries.com/definition/post-truth> (Acessado em 09/07/2018)

⁶ <http://www.boatos.org/sobre> (Acessado em 09/07/2018)

A partir dessa coleta inicial, separamos as notícias em que era possível encontrar uma fonte na internet, ou seja, que estavam hospedadas em sites da *web*. Dessa forma, exclui-se o conteúdo que foi divulgado por rede sociais, como Facebook e WhatsApp, por exemplo. Além disso, descartou-se também as “notícias” que tinham basicamente o mesmo conteúdo, apenas com roupagens diferentes devido às sazonalidades. Nesse caso, apenas uma das matérias foi selecionada para análise.

Com base na coleta, então, separamos quatro (4) *fake news* para análise, sendo elas: (1) “Menina contaminada por HIV revela ter infectado 324 homens”, veiculada no portal “Varela Notícias”⁷; (2) “Cientista americano admite que criou o vírus HIV”, veiculada no site pseudo-científico “Tô no Cosmos”⁸; e (3) “Bananas infectadas com o vírus da AIDS foram encontradas no Brasil”, publicada no site “Portal O Jornal”⁹.

Em relação ao método de análise, será feita uma análise de enquadramento. A metodologia foi escolhida por propiciar mecanismos que auxiliam na identificação de discursos subentendidos no texto, que podem ou não contribuir para a continuidade ou disseminação do estigma envolvendo pessoas portadoras do vírus HIV. O portal Boatos.org foi escolhido como referência por ser um dos principais sites voltados à verificação da veracidade de informações e notícias compartilhadas na internet. Outro fator que corroborou para a escolha do portal foi a questão do mesmo tratar de assuntos que tiveram grande repercussão no meio *online*, o que auxilia na detecção de conteúdos que apresentam maior potencial de disseminação de estigmas.

O JORNALISMO CIENTÍFICO NO BRASIL

O início do jornalismo científico brasileiro se dá nos discursos científicos presentes no jornal *Correio Braziliense* de Hipólito da Costa, sendo assim, é uma modalidade que nasce junto com a imprensa nacional. Segundo Bueno (2009), a evolução do jornalismo científico brasileiro tem acompanhado o ritmo da própria evolução da indústria de comunicação nacional “experimentado, sobretudo, nas últimas décadas, uma mudança drástica, no sentido

⁷ <http://varelanoticias.com.br/vinganca-chocante-menina-contaminada-por-hiv-revela-ter-infectado-324-homens/> (Acessado em 09/07/2018)

⁸ <http://tonocosmos.com.br/cientista-americano-admite-que-criou-o-virus-hiv> (Acessado em 09/07/2018)

⁹ <http://www.portalojornal.com.br/noticia/9559/atencao--bananas-infectadas-com-o-virus-da-aids-foram-encontradas-no-brasil.html> (Acessado em 09/07/2018)

de uma profissionalização e de uma segmentação crescentes” (BUENO, 2009, p. 199). Por muitas vezes se tratar de assuntos de relevância social, o jornalismo científico também é vítima de *fake news*, assim como todas as outras vertentes do jornalismo.

A espetacularização dentro do jornalismo científico também é um ponto ressaltado por Bueno (2009). Isto ocorre, segundo o autor, devido à incapacidade do profissional da comunicação em decodificar o discurso científico.

O processo de produção jornalística pode (o que acontece de maneira recorrente) privilegiar a espetacularização da notícia, buscando mais a ampliação da audiência do que a precisão ou a completude da informação. Além disto, a não ser em situações específicas, como no caso de portais ou blogs dedicados à divulgação científica, a interação entre produtores de informações e audiência não ocorre, reduzindo-se o processo a uma mera transmissão de informações (BUENO, 2009, p. 4-5)

Para Fabíola de Oliveira (2000), em seu livro “Jornalismo Científico”, o jornalismo científico nacional geralmente cai “no denunciismo e no alarmismo sem fundamento e é incapaz de análises, interpretações e exposição de contrapontos” (p. 39). Segundo a autora, as notícias são válidas até mesmo para a sobrevivência de projetos científicos. Um dos desafios da cobertura científica, porém, é o difícil acesso às fontes, uma vez que as entidades e a comunidade científica podem não entender a relevância da comunicação dentro da conjuntura social atual.

O ESTIGMA EM TORNO DO VÍRUS DO HIV/AIDS E SEUS PORTADORES

Buscar relacionar identidade e papéis sociais, Erving Goffman (1982), no seu livro “Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade”, a partir da Antropologia Social, constrói uma rica discussão teórica sobre identidade social e estigma. O autor investiga diferentes aspectos da situação dos indivíduos que são estigmatizados, sejam os boêmios, as prostitutas, ciganos, mendigos e até músicos. Hoje, o universo é bastante ampliado para outros grupos que podem ser considerados como estigmatizados, como homossexuais e os portadores de HIV.

Goffman (1982) argumenta que estes indivíduos são considerados uma espécie de negação coletiva da ordem social, ou seja, são enquadrados como “desviantes” dos padrões

estabelecidos. Mesmo sabendo que toda construção sobre padrões de normalidade tem suas marcas históricas, sociais e culturais, o estigma dissemina-se na sociedade como se fosse algo naturalizado. O autor, com base no conceito de estigma, investiga, a partir de métodos da Antropologia, o que inclui a técnica de observação do comportamento das pessoas em locais públicos, como determinados grupos de pessoas, por diferentes motivos, tornam-se incapazes de se submeterem aos padrões considerados normais da sociedade vigente. São indivíduos, seja por questões físicas, psíquicas, que assumem posturas diferentes das outras pessoas dentro do seu universo cultural. Na maioria das vezes, o diferente é visto como inferior, como uma “deformação”, uma “anormalidade”. Por serem e terem comportamentos diferentes da maior parte da sociedade, os sujeitos estigmatizados têm dificuldade de consolidar uma identidade. O autor analisa os sentimentos que o indivíduo estigmatizado tem sobre si próprio e como vê a sua relação com os outros considerados pessoas “normais”. Goffman (1992) tenta identificar as estratégias que as pessoas estigmatizadas desenvolvem para buscar formas de resistência em relação ao preconceito que sofrem.

Em seu trabalho, Goffman (1982) procura trabalhar o conceito de estigma não como um atributo pessoal, mas como uma “nomeação social” que emerge com base nas interações sociais existentes relacionadas à construção das identidades. Diante de suas observações, ele elabora uma tipologia em três tipos de estigmas: os gerados por deformidades físicas, os relacionados à questão da moralidade (nos quais estão incluídos os homossexuais, as prostitutas e, neste caso, os portadores de HIV), e os que têm a ver com raça, nação e religião (os negros continuam sofrendo por atitudes racistas).

Segundo site oficial do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS)¹⁰, o estigma e discriminação social vivenciados por pessoas portadoras do vírus da imunodeficiência humana (HIV), desencorajam as pessoas a se protegerem do HIV e de se manterem saudáveis caso já estejam vivendo com o vírus.

No artigo “Crianças e Jovens Vivendo com HIV/AIDS: Estigma e Discriminação”, de autoria dos médicos José Ricardo Ayres e Ivan França Jr e da psicóloga Vera Paiva (2006), professores na Universidade de São Paulo (USP) - publicado na revista “Com Ciência”, as alterações na vida dos jovens e adolescentes soropositivos não se dão apenas após sofrerem algum tipo de discriminação, mas que existe uma “força dos sentimentos

¹⁰ <https://unids.org.br/estigma-e-discriminacao/> (Acessado no dia 03/07/2018)

estigmatizantes” e que eles se desdobram na vida destes indivíduos, pois “talvez repouse no reconhecimento, por si mesmo e pelos outros, de que a condição de portador poderá ser alvo de preconceito e eventual discriminação, de agressão aberta à integridade física e mental do jovem.”

Desta maneira, é possível inferir que um dos maiores obstáculos para a erradicação das contaminações pelo vírus, não é a falta de informação, mas a falta de informação livre de preconceitos. O estigma tem origem no surgimento do vírus, que se deu no fim da década de 70 início da década de 80. Inicialmente, a AIDS era encarada como uma doença de nichos. Por isso, em 1982 adotou-se o nome de “Doença dos 5H”, representando os homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroinômanos (usuários de heroína injetável) e *hookers* (“profissionais do sexo”, em tradução livre).

Resumo global da epidemia de AIDS | 2016

Número de pessoas vivendo com HIV	Total	36.7 milhões [30.8 milhões–42.9 milhões]
	Adultos	34.5 milhões [28.8 milhões–40.2 milhões]
	Mulheres (15+ anos)	17.8 milhões [15.4 milhões–20.3 milhões]
	Crianças (<15 anos)	2.1 milhões [1.7 milhão–2.6 milhões]
Número de novas infecções por HIV em 2016	Total	1.8 milhão [1.6 milhão–2.1 milhões]
	Adultos	1.7 milhão [1.4 milhão–1.9 milhão]
	Crianças (<15 anos)	160 000 [100 000–220 000]
Mortes relacionadas à AIDS em 2016	Total	1.0 milhão [830 000–1.2 milhão]
	Adultos	890 000 [740 000–1.1 milhão]
	Crianças (<15 anos)	120 000 [79 000–160 000]



Imagem 1: Tabela sobre o resumo global da epidemia da AIDS¹¹

No último levantamento feito pela UNAIDS em 2016, existem aproximadamente 827.000 pessoas com HIV no Brasil, o que corresponde a 2,25% da população mundial com o vírus e 0,4% da população nacional.

¹¹ Fonte: <http://unaids.org.br/estatisticas/>

O UNIVERSO DAS *FAKE NEWS*

O termo *fake news* (em seu sentido estrito de “notícia falsa”) não é um acontecimento novo no cenário comunicacional (ALCOTT & GENTZKOW, 2017). Apesar disso, temos na internet o meio ideal para sua disseminação. Assim como aponta Tandoc Jr. et al. (2017), atualmente referimo-nos à *fake news* quando falamos dos “posts virais baseados em relatos fictícios feitos para se parecerem com notícias” (p. 2)¹².

Essas publicações são divulgadas em diversos tipos de sites, como aponta Alcott & Gentzkow (2017). Os autores expõem que existem portais criados exclusivamente para a divulgação de factóides. Esses sites, no caso, utilizam uma interface parecida com os de grandes jornais e portais de notícias, em alguns casos até utilizando nomes parecidos com os destes. Por exemplo, um site de *fake news* pode utilizar o termo “Diário” ou “Tribuna”, que são comuns a instituições legítimas de informação. Outro fator sobre esses sites apontado por Alcott e Gentzkow (2017) é que eles têm um tempo de vida muito curto.

Um outro tipo de site que divulga *fake news* são os satíricos. Neste caso, a notícia falsa pode até utilizar elementos reais, mas exageram ou inventam novos fatos com o intuito de provocar o riso. Um caso famoso no Brasil de site de notícias falsas é o Sensacionalista¹³, que tem como slogan o lema “um jornal isento de verdade”. Criado em 2009, o portal se encaixa nas características comuns a sites de notícias falsas (interface e até mesmo o nome), mas é voltado para a produção apenas de conteúdo humorístico.

Quanto à motivação para divulgação de *fake news*, Tandoc Jr. et al. (2017) apontam dois fatores: o financeiro e o ideológico. O fator financeiro trabalha na geração de renda através de cliques, ou seja, toda vez que um site de notícias falsas é acessado, o administrador recebe uma quantia de dinheiro, geralmente através dos anúncios inseridos nessas páginas. Já o fator ideológico trabalha na questão da desmoralização de uma figura (pública ou não), de um partido político, empresa, etc. Nesse caso, as notícias falsas são utilizadas para “promover ideias particulares ou pessoas que eles favorecem, muitas vezes desacreditando outras pessoas” (p. 2). Mas o que leva um internauta a acreditar em uma notícia falsa?

Pessoas que são grandes consumidoras de mídia são mais propensas a acreditar em artigos ideologicamente alinhados. Em segundo lugar, aqueles com redes sociais

¹² Tradução nossa.

¹³ <https://www.sensacionalista.com.br/>

segregadas são significativamente mais propícios a acreditar em artigos ideologicamente alinhados, talvez porque eles são menos propensos a receber informação desconfirmatória de seus amigos. (ALCOTT e GENTZKOW, 2017, p. 230)¹⁴

Para Sunstein (2010), porém, a aceitação ou não de um boato tem a ver com o conhecimento prévio do leitor sobre o assunto. O autor aborda a visão de que as concepções prévias e a bagagem de conhecimento do leitor operam “tanto para frustrar quanto para estimular os boatos” (p. 26).

Por outro lado, uma pesquisa realizada em 2017 pela agência norte-americana de notícias Associated Press (AP)¹⁵, junto ao jornal American Press constatou que, no meio virtual, a confiança de um indivíduo em quem compartilhou uma notícia é mais determinante para acreditar em um conteúdo do que a fonte primária onde se divulgou a informação. Segundo o estudo, 52% dos entrevistados acreditariam na veracidade de um artigo publicado pela AP, caso o mesmo fosse compartilhado por uma pessoa de confiança.

Um ponto importante para se levantar na questão da *fake news* é o crescimento do engajamento informacional da sociedade, a partir da internet. Esse aspecto é abordado por Lévy (1999). Para o autor, a cibercultura é um “novo dilúvio”, causado pelas constantes inovações tecnológicas que evidenciam o campo da comunicação, como as telecomunicações e, em especial, com o advento da internet. Neste caso, o dilúvio é informacional, ou seja, estamos cada vez mais imersos nas produções comunicacionais.

O dilúvio ilustrado por Lévy (1999) se dá no ciberespaço. Lucia Santaella (2004) define o ciberespaço como a área que se desenvolve a partir da conexão de um usuário com a rede. O ciberespaço é “todo e qualquer espaço informacional multidimensional” (p. 45), sendo, em suma, um espaço feito de circuitos informacionais navegáveis. Para Santaella, com o ciberespaço temos o nascimento do “leitor imersivo”, que é “aquele que navega através de dados informacionais híbridos [...] que são próprios da hipermídia” (2004, p. 47). Ao caracterizar o “leitor imersivo”, a autora conceitua o usuário da internet como o capaz de compreender a “densa floresta de signos em que o crescimento das mídias vem convertendo o mundo” (idem).

¹⁴ Tradução nossa.

¹⁵<https://www.apnews.com/e20dcc1818e8429c8acc0e3bdc639447/Sharers-rather-than-authors-more-important-on-social-media>

O ENQUADRAMENTO NOTICIOSO

De acordo com Soares (2006), o enquadramento é uma concepção que tem suas origens na área da Sociologia. Segundo o autor, o conceito foi emprestado pela Comunicação, “sendo empregado para referir-se às propriedades construtivas das representações jornalísticas” (p. 451).

O enquadramento noticioso apresenta diversas abordagens dentro do fazer jornalístico. De acordo com Guazina (2011), pesquisas na área têm utilizado como objeto “fontes na relação com os jornalistas, passando por pesquisas sobre audiência, organizações de mídia, textos noticiosos, e até sobre culturas nas quais os enquadramentos são construídos” (p. 81). Ainda segundo a autora, independente da denominação acadêmica (ainda incerta) sobre o enquadramento (abordagem, teoria ou técnica analítica), o conceito “tem conseguido se manter como um caminho teórico e metodológico produtivo para aqueles que se dedicam especialmente ao estudo de coberturas jornalísticas” (p. 85).

Voltando a Soares (2006), o autor, citando Entman (1991), aborda que o enquadramento acontece em dois níveis, sendo o primeiro nível se dando na parte dos princípios ou nos esquemas de escrita do jornalista ao processar a informação; e o segundo nas “propriedades específicas da narrativa noticiosa que encorajam percepções e pensamentos sobre eventos e compreensões particulares sobre eles” (SOARES, 2006, p. 451). Dessa forma, segundo Guazina (2011, p. 85), a análise de enquadramento auxilia não só a evidenciar aspectos ideológicos de pessoas e grupos, como também a entender o *modus operandi* do jornalismo.

Para a análise do enquadramento, portanto, o pesquisador deve se atentar aos chamados dispositivos de enquadramento (SOARES, 2006). Citando D’Ângelo (2002), Soares (2006) explica que os dispositivos de enquadramento são diversos, tendo vários sido propostos para realizar o estudo dos mais variados eventos.

Para exemplificar os dispositivos, Soares (2006) cita diversos autores, entre eles Semetko e Valkenburg (2000), que estudaram o enquadramento a partir da mídia holandesa. Os autores desenvolveram as seguintes classificações: (1) enquadramento de conflito, quando o texto da notícia se reduz à simples oposição entre duas partes; (2) enquadramento de interesse humano, quando a matéria pende para o lado emocional e dramático de um fato; (3)

enquadramento das consequências econômicas, quando o foco de uma notícia é a perda (ou o ganho) de dinheiro por uma pessoa, grupo, instituição, etc.; e (4) enquadramento de responsabilidade, quando delega culpa a um indivíduo.

Guazina (2011) trata de operadores de análise de enquadramento. A autora desenvolve três formas de análise a partir dos operadores: (1) a ideia organizadora, que é a estrutura em que se dá a notícia, a hierarquia das informações; (2) a atribuição de responsabilidade ou o julgamento moral, quando o jornalista, no texto, aponta um sujeito da notícia como “culpado”, podendo ser de forma propriamente dita, em ênfases ou em elementos sonoros/visuais; (3) indicação de solução, quando, dando um fechamento à reportagem, o jornalista apresenta uma solução (direta ou não) para o caso exposto na notícia.

Outro conceito dentro do enquadramento é a presunção de culpa (LIMA, 2006), quando o texto da matéria classifica, mesmo que nas entrelinhas, o indivíduo como culpado de algum ato, mesmo sem uma condenação ou veredito judicial. Nesse caso, não se trata de um dispositivo ou de um operador de enquadramento, mas sim de um recurso de enquadramento.

ANÁLISES DE CASOS

“Menina contaminada por HIV revela ter infectado 324 homens”

A “notícia” traz a história de uma jovem universitária do Quênia, na África, que, em um ato de vingança por ter sido infectada pelo vírus HIV, decide infectar o maior número de homens, para que assim todos possam sofrer como ela. O texto da matéria acompanha um relato por escrito da suposta moça, no qual ela conta como contraiu o vírus e suas motivações para as ações que havia tomado.

Como fonte, o portal brasileiro que divulgou cita o “Kenya Daily Post”, site de notícias do Quênia. O artigo do Daily Post queniano, por sua vez, se baseou em uma publicação de uma página do Facebook chamada “Kenya Scandals, Hidden Controversial Files Exposed”, que já foi excluída. Segundo o site Boatos.org, porém, a página do Facebook havia publicado uma retratação informando que a notícia não era verdadeira.

O portal que divulgou a notícia apresenta uma interface que remete à grandes portais de notícias online, em especial o R7.com, do Grupo Record. Quanto à estrutura da matéria, o site traz diversas características que se aproximam dos conceitos básicos do webjornalismo, como *hiperlinks*, aplicação da separação de tópicos por *tags*, possibilidade de ouvir o conteúdo do texto (ferramenta voltada para deficientes visuais) e espaço para comentários dos leitores.

Na matéria brasileira, o primeiro ponto que podemos destacar para análise é o título, que traz os verbetes “vingança” e “chocante”, o que pode ser incluído no dispositivo “enquadramento de interesse humano” (SEMETKO E VALKENBURG apud SOARES, 2006). Este dispositivo também está presente no fato da estrutura do texto acompanhar o relato da moça, no qual encontramos frases como “dia que nunca irei esquecer”, “fiquei perdida, quis suicidar-me” e “decepcionei os meus pais, desisti do mundo e só queria acabar com minha vida”.

Um outro dispositivo de análise que destacamos é a “atribuição de responsabilidade ou o julgamento moral” (GUAZINA, 2011). Frases como “estava muito bêbada na noite em que foi infectada pelo vírus” e “como ela estava inconsciente o pedido [de usar preservativo] não teria sido respeitado” indicam que o autor do texto aponta relação entre estar bêbada e contrair o vírus.

“Cientista americano admite que criou o vírus HIV”

O texto apresenta, de forma confusa, a notícia que o vírus HIV é uma criação de cientistas norte-americanos pelo programa de vírus especial dos EUA. No corpo da matéria é afirmado que os EUA estavam em um jogo de abater populações do mundo através do desencadeamento de um organismo biológico. É dito também que o doutor. Robert Gallo chegou a assumir o seu papel na criação, apresentando como fonte um vídeo do referido cientista. Apesar disso, a filmagem não traz em momento algum uma declaração re Gallo sobre ter “criado” o vírus do HIV.

O portal que divulgou a notícia evoca elementos em sua interface que emulam grandes portais de notícia, em especial de jornalismo científico. Assim como no primeiro exemplo, há princípios do webjornalismo, como incorporação de vídeos, *newsletter*,

redirecionamento para a página do portal em redes sociais e espaço para comentários dos leitores.

No caso dessa notícia, o principal enquadramento apresentado é o “enquadramento das consequências econômicas” (SEMETKO E VALKENBURG *apud* SOARES, 2006). Isso porque o início do texto se refere à “criação” do vírus HIV pelo doutor Robert Gallo como ligada ao enriquecimento do mesmo, através da patente que o médico haveria requerido sobre o vírus. O fim da matéria também se encaixa no mesmo dispositivo de análise, dizendo que “o programa de vírus Federal secreto gastou US \$ 550 milhões de dólares de dinheiro dos contribuintes para criar a AIDS.”

Ao apresentar os EUA como criadores e disseminadores do vírus do HIV, o texto recai sobre o “enquadramento de responsabilidade” (SEMETKO E VALKENBURG *apud* SOARES, 2006). Um parágrafo do texto que pode ser utilizada como exemplo para esse enquadramento que delega a culpa ao país norte-americano é o trecho “os EUA devem pagamentos “reais” para as vítimas inocentes”.

“Bananas infectadas com o vírus da AIDS foram encontradas no Brasil”

O texto, extremamente curto, noticia a eventual descoberta de um milhão de bananas “infectadas” com o vírus do HIV no Brasil. Ainda segundo a matéria, as bananas infectadas estariam vindo da Guatemala, o que teria sido descoberto pela Organização Mundial da Saúde (OMS). A reportagem traz uma imagem de uma seringa injetando um líquido vermelho (aparentemente sangue) em uma banana.

A matéria se enquadra sobre *fake news* por dois motivos: (1) não há registros de descoberta de bananas infectadas no Brasil; e (2) segundo o site da Secretaria de Saúde do Paraná, o vírus do HIV sobrevive apenas em torno de uma hora fora do organismo humano¹⁶.

Para iniciar a análise, destacamos o título da “notícia”: “ATENÇÃO: Bananas infectadas com o vírus da AIDS foram encontradas no Brasil”. Nesse caso, a palavra “atenção” em caixa alta revela um tom de alarmismo em relação à notícia, chegando ao sensacionalismo. Dessa forma, podemos classificar o título nos termos de “enquadramento de interesse humano” (SEMETKO E VALKENBURG *apud* SOARES, 2006).

¹⁶ <http://www.saude.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=2928> (Acesso em 09/07/2018)

Podemos também detectar um enquadramento de responsabilidade, quando a *fake news* atribui à Guatemala a exportação do produto infectado. Esse viés também se encaixa no operador de “atribuição de responsabilidade” de Guazina (2011). A questão da Guatemala no boato também recai sobre a “ideia organizadora”, pois o esforço que o governo guatemalteco para descobrir os responsáveis pela suposta ação fica apenas em último lugar na hierarquia de informações que o autor do texto elencou, conforme pode ser relacionado à noção de enquadramento apresentado por Guazina.

DESDOBRAMENTOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da nossa análise, pudemos identificar que o estigma social em torno do portador do vírus HIV é encontrado em diversos nichos sociais e midiáticos, inclusive nas *fake news*. Das três (3) notícias falsas analisadas, duas (2) retratavam o soropositivo como uma espécie de “vilão” que por vingança dissemina o vírus. Na única notícia que não apresentava julgamento moral ou responsabilidade (GUAZINA, 2011) sobre os soropositivos os apresentava como vítimas de teorias conspiratórias sobre o surgimento do HIV e, conseqüentemente, da AIDS.

As notícias reproduziam estratégias narrativas do jornalismo formal, se encaixando na definição de *fake news* apresentada por Tandoc Jr. *et al.* (2017). Os portais, da mesma forma, simulavam a interface e o nome de grandes blogs e sites jornalísticos (ALCOTT & GENTZKOW, 2017). O “jornalismo científico” apresentado nas notícias falsas remete à divulgação de informações científicas presente nos grandes portais, o qual é voltado para o público geral, sem uma demanda de especialização do veículo na área. Dessa forma, as *fake news* utilizam o denunciamento e o alarmismo como base para maior difusão das notícias. (OLIVEIRA, 2000)

A difusão de informações sobre o HIV já é dificultosa mesmo dentro de veículos formais de divulgação de notícias. Com os sites de *fake news*, a desinformação tem o potencial de aumentar exponencialmente, levando os leitores destas notícias falsas a reforçarem e ampliarem o estigma sobre o soropositivo, em especial as questões voltadas à moralidade, como apresentado por Goffman (1982).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marília de. **A representação social das pessoas vivendo com HIV/Aids na mídia impressa**. Goiânia: Programa de Pós-graduação em Comunicação, UFG, 2017.

ALCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. **Social Media and Fake News in the 2016 Election**. *Journal of Economic Perspectives*, v. 31, n. 2 — Spring 2017 —. pp. 211–236.

AYRES, J.; FRANÇA, A.; PAIVA, V. **Crianças e jovens vivendo com HIV/Aids: estigma e discriminação**. In: COMCIÊNCIA: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, 2006. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=13&id=106&tipo=1>> (Acessado em 09/07/2018)

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico no Brasil: os desafios de uma trajetória**. In: PORTO, CM., org. *Difusão e cultura científica: alguns recortes* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. pp. 113-125. ISBN 978-85-2320-912-4.

GUAZINA, Liziane Soares. **Jornalismo em busca da credibilidade: a cobertura adversária do Jornal Nacional no Escândalo do Mensalão**. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade de Brasília, 2011.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, V. A. **Mídia: Crise Política e Poder no Brasil**. São Paulo, Perseu Abramo, 2006.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Editora Paulus, 2004.

SOARES, Murilo César. **Análise de Enquadramento**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. (Org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

SUNSTEIN, Cass R. **A verdade sobre os boatos: como se espalham e por que acreditamos neles**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

TANDOC JR, Edson C.; LIM, Zheng Wei & LING, Richard. **Defining “fake news”: a typology of scholarly definitions**. *Revista Digital Journalism*. DOI: 10.1080/21670811.2017.1360143